



Francisco Simões
Investigador Auxiliar no ISCTE

Louvores e condecorações

Não sei como será convosco, mas quando me elogiam em demasia, desconfio. Tratar-se-á, porventura, de um mecanismo de defesa humano. Acima de tudo, esperamos o pior quando em nós veem, repetidamente, méritos e capacidades. Entre as consequências do elogio persistente, pontua o favorzinho, que já estava na ponta da língua, prontinho a ser formulado, ou aquela solicitação de mais trabalho que não vinha mesmo nada a calhar.

Não é que o reconhecimento seja escusado ou malévolos, por inerência. Aliás, peca-se também por defeito, deixando por reconhecer, demasiadas vezes, as façanhas daqueles que, em vida, procuraram sempre ultrapassar-se a si mesmos, muitas vezes em prol dos outros e quase sempre procurando o bem comum. Elogiar pouco e a más horas também não é boa prática, portanto.

Exposta a tese, permito-me considerar o ritmo frenético a que se elogiam

peças e coletividades na Assembleia Legislativa Regional dos Açores. Não sendo caso de polícia, era algo que nos devia fazer pensar. Quando reúno a resistência intelectual e os níveis de atenção necessários que me permitem afeirir o que se vai passando ali, para os lados da Horta, em semana de plenário, constato que as loas se repetem. É tanto o denodo que os senhores deputados quase se atropelam no púlpito, numa espécie de disputa pelo “elogio do mês”. Não sei como cabe tão expedita necessidade de gabar os açorianos no regimento parlamentar, mas dá a ideia de que é uma rubrica própria dos programas de entretenimento. Em todo o caso, os votos de louvor repetem-se e por motivos tão eloquentes como a simples razão de se continuar a existir.

Ora, dando-se o caso de a região não ser, propriamente, um oásis de desenvolvimento, não se tendo produzido, por cá, nos anos recentes, uma daquelas inovações que representam um sal-

to civilizacional e sendo os nossos campeões gente esforçada, mas sem currículo olímpico, com mui honrosas e bem conhecidas exceções, não tenho como não desconfiar. Das duas, uma: ou o louvor segue os pergaminhos habituais do favorzinho que há de vir, conclusão certamente infundada da minha parte, ou então os nossos representantes acham que a letargia generalizada é quanto

Banalizar o reconhecimento público é tão mau quanto o esquecimento injusto.

baste para o repetido reconhecimento público.

Que não me levem a mal os açorianos. Hoje em dia, em muitos negócios, instituições, clubes ou associações da região, sobreviver é um grande feito. Porém, banalizar o reconhecimento pú-

blico é tão mau quanto o esquecimento injusto. Fazer dele uma espécie de ritual parlamentar, sem fundamento evidente, desperdiçando o tempo do plenário já de si limitado, é incompreensível.

Entendo que, à falta de outras iniciativas parlamentares de monta, que exigem evidente ponderação, rigor e estudo técnico, como a não muito distante proposta de mudança da cor dos táxis, as senhoras e os senhores deputados encontrem nos votos de louvor um desafio intelectual que equipara as respetivas capacidades. E até os louvo pelo esforço de louvar, porque dada a qualidade do debate, a apresentação desses votos é um autêntico bálsamo para os ouvidos do cidadão. Fica, ainda assim, uma dica que também serve para as propostas de condecorações, no dia da região. E faça-o no registo popular, para que me entendam: o que é de mais, enjoa. ■

